

EXPERIÊNCIA REAVIVADA

Apelo para uma nova era de pregação e adoração

Hyveth Williams

A proclamação da Palavra começou quando o próprio Deus falou aos israelitas (Êx 20:1-17). Foi algo tão poderoso que, quando o povo ouviu, “todos tremeram assustados. Ficaram a distância e disseram a Moisés: ‘Fala tu mesmo conosco, e ouviremos. Mas que Deus não fale conosco, para que não morramos’”¹

A palavra hebraica *qara*, “proclamar, chamar ou ler em voz alta”, expressa o sentido do que significa pregação ou proclamação no Antigo Testamento. Ela “denota principalmente a enunciação de um vocábulo ou mensagem específica, [...] geralmente endereçado a um destinatário específico e [...] com a pretensão de obter uma resposta específica”.² O termo também aparece quando Deus assegura a Moisés: “Diante de você farei passar toda a Minha bondade, e diante de você proclamarei o Meu nome: o Senhor” (Êx 33:19; cf. Ne 6:7; Jn 3:2).



O apóstolo Pedro observou que Noé era “um pregador da justiça” (2Pe 2:5). No grego *koiné*, a palavra *kerussô* “significa (a) ser um arauto, ou em um sentido mais amplo, proclamar, publicar, pregar (Ap 5:2); (b) pregar o evangelho como um arauto (Mt 24:14); (c) pregar a Palavra (2Tm 4:2)”³. Outros arautos notáveis foram João Batista (Mt 3:1) e o leproso a quem Jesus curou e que “começou a proclamar” (Mc 1:45) tudo a respeito do que o Salvador lhe havia feito. Jesus anunciou que o Espírito do Senhor O havia ungido para pregar o evangelho (Lc 4:18), e Seu último comissionamento aos discípulos foi: “Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas” (Mc 16:15). Depois da Sua ascensão, eles fizeram exatamente isso: “Todos os dias, no templo e de casa em casa, não deixavam de ensinar e proclamar que Jesus é o Cristo” (At 5:42).

A pregação ocupou parte significativa na vida e na adoração da igreja apostólica. Exegeticamente, as homilias polêmicas se tornaram um elemento predominante

durante o período de 200 a 800 d.C.⁴, quando Orígenes, reconhecido como o pai do sermão como costume eclesialístico, explorou a exposição teológico-prática de um texto definido, chamado de homilia. Então, “nesse período de separação do culto divino em parte homilético-didática e parte mística, o sermão era missionário e apologético em seu estilo e adequado para instruir os catecúmenos”⁵. Os sermões também “assumiram a forma de explicação e aplicação do texto, usando particularmente o método da alegoria que, a partir de então, tornou-se predominante e controlou o uso homilético das Escrituras até a Reforma”⁶. Agostinho “se distinguiu por sua energia e incansabilidade como pregador”. Seus sermões eram “vigorosos nos aspectos da experiência, do testemunho pessoal, da dialética e das aplicações práticas [...] e permeados com o evangelho”⁷.

Com a proliferação da comunicação em massa e o reavivamento na adoração, a pregação alcançou seu apogeu como a

principal parte do culto em meados do século 20. Durante esse ressurgimento, mais da metade do tempo gasto na adoração era dedicado à pregação. No entanto, a diferenciação do sermão em relação ao restante da liturgia pode ter se originado na Idade Média, quando algumas partes do serviço litúrgico eram feitas em latim, e “o sermão exigia o uso do vernáculo da região”⁸. Isso criou a sensação de que determinados elementos do culto (principalmente, a pregação) eram mais importantes do que outros. Alguns teólogos contemporâneos, como Michael Quicke, lamentam a recente mudança de paradigma no estilo e no conteúdo da adoração, na qual música, teatro, louvor, dança e apresentações de vídeo parecem estar usurpando a importância e a centralidade da pregação.

Alguns proponentes dessa mudança declaram que “quando os sermões são considerados primários, a adoração é reduzida à habilidade musical e à organização dos elementos do serviço litúrgico”⁹

como atividades “preliminares”. Os opositores, por sua vez, não se renderam enquanto o movimento ganhava força e popularidade. Alguns, como Albert Mohler, disseram: “A música preenche o espaço da maioria dos cultos evangélicos, e grande parte dessa música vem na forma de coros contemporâneos, marcados com precioso conteúdo teológico... [enquanto] muitas igrejas evangélicas parecem intensamente preocupadas em reproduzir apresentações musicais com qualidade de estúdio”, e acrescentou que essas mudanças estilísticas “infelizmente contribuíram para o atrito e, às vezes, até dividiram as igrejas”.¹⁰

também afirma que “adoração contemporânea é um paradoxo. Bíblicamente, adoração é o que os anjos e as estrelas da manhã fizeram antes da criação.”¹³

Outros, como David Williams, opinam que “quando a música de adoração é determinada pelas nossas preferências, nós nos entronizamos”.¹⁴

Mesmo as igrejas tradicionais, em que o estilo musical continua sendo hinos e cânticos, não escapam do debate. As pressões, a diminuição da participação e do apoio financeiro, fazem com que muitos se rendam, mesmo sob coação, à nova onda em que a música é mais dominante do que a pregação.¹⁵

“fazer reverência, reverenciar” e “é usado como uma atitude de respeito ou reverência”;¹⁷ na batalha entre pregação e música, ambos protagonistas e antagonistas estão adorando “o que” eles fazem ou não sabem. Nenhum dos grupos está adorando o “Quem” está implícito (ou seja, o Pai). Se o fizessem, jamais iriam permitir que essa controvérsia provocasse divisão ou prejuízo à igreja em sua missão de salvar os perdidos.

Infelizmente, “convencidos da importância da pregação, alguns pregadores erroneamente se declaram os mais importantes veículos da adoração. Investindo todo o seu esforço na produção de sermões e alegando sua importância na proclamação do evangelho, eles podem colocar de lado a adoração como questão secundária”, afirma Michael Quicke. Em sua arrogância, tais pregadores “veem o sermão como ‘uma espécie de transatlântico homilético, precedido por alguns rebocadores litúrgicos’”.¹⁸ Quicke cita John Killinger, que diz: “Não há substituto para a pregação na adoração. Ela fornece o impulso proclamador sem o qual a igreja nunca é formada e a adoração nunca acontece.”¹⁹

Pastores que relegam tudo, exceto a pregação, para a gaveta de baixo das preliminares, afirma Quicke, refletem visões míopes de pregação e adoração. “Muitas vezes, sem perceber quão limitada sua visão se tornou, a pregação míope perde de vista a perspectiva de Deus na adoração.” Ele também observa que “a pregação míope é marcada por certas características.”²⁰ “abordagens errôneas; teologia de adoração frágil; uso indireto das Escrituras; amnésia litúrgica; ambivalência em relação à música; e sermões irreverentes”.²¹

Apelo para uma nova adoração

Visto que a pregação representa papel preponderante em apoio à música e outras adições contemporâneas à adoração, como podem aqueles que estão buscando conhecer Jesus saber sobre Ele sem que a Palavra de Deus lhes seja pregada (Rm 10:14, 15)? Por outro lado, por que a

A adoração contemporânea tem se tornado antropocêntrica, em vez de teocêntrica e cristocêntrica. Tradições e favoritismos não são diretrizes divinas para o conteúdo nem para a prática da adoração.



T. David Gordon previu acertadamente o declínio iminente da música de adoração contemporânea.¹¹ Os hinos eram/são comparativamente ruins, porque uma geração não pode competir com 50 gerações de escritores de hinos; os compositores perceberam quão difícil é escrever letras que não sejam apenas teologicamente boas, mas significativas, apropriadas e edificantes; não é “vantagem ter parte ou o total do serviço de adoração em uma linguagem contemporânea”, como a maioria das igrejas fazem agora;¹² como todas as novidades, uma vez que a novidade desaparece, o que frequentemente sobra parece um pouco vazio; e a música é dirigida por equipes de louvor para um público difícil de orientar. Gordon

Um novo fenômeno?

Antes ainda do estabelecimento da igreja, a mulher samaritana, junto ao poço de Jacó, discutiu com Jesus sobre o local de adoração. Ela argumentou: “Nossos antepassados adoraram neste monte, mas vocês, judeus, dizem que Jerusalém é o lugar onde se deve adorar” (Jo 4:20). A resposta de Jesus deve fazer com que todos os que se degladiam quanto à adoração abaixem suas armas: “Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura” (Jo 4:23).

É claro que “a adoração a Deus será libertada da escravidão do lugar”¹⁶, mas podemos antecipar que ela irá se perder nas guerras sobre estilo e conteúdo? Uma vez que o termo *proskuneo* (adoração) significa

pregação deve dominar a adoração, se a música tem o poder de tocar a alma com precisão e emoções tão surpreendentes?

Deus criou o mundo com Sua palavra (Gn 1; Hb 11:3); revelou-Se ao mundo e à humanidade como a Palavra (Jo 1:1; 1Tm 3:16; 2Pe 1:21); realiza Suas obras (Jo 9:4) de redenção, recriação, reconciliação e restauração por meio da Palavra (Mt 9:22; Mc 5:8; Lc 4:39; Jo 11:43); e converte pessoas pela Sua Palavra (1Pe 1:23).

Uma pesquisa realizada em 2002 pelo Instituto Barna, nos Estados Unidos, concluiu que os participantes das chamadas “guerras sobre adoração” ignoram o assunto real da adoração: “A maioria das pessoas que brigam por sua preferência musical o faz porque não entende a relação entre música, comunicação, Deus e adoração. Elas fomentam o problema, concentrando-se em como agradar as pessoas com música ou oferecer estilos de música para satisfazer os gostos de todos, em vez de lidar com a questão de maior relevância [...] e investir em promover uma adoração fervorosa a um Deus santo e digno.”²²

Existe um anseio angustiante por uma “pregação ardente”. Não com uma linguagem “ameaçadora, cruel, bárbara nem alarmante”. Não no sentido de gritos, expressões faciais assustadoras e temor. “[A] palavra ardente tem os seguintes sinônimos: robusta, intensa, forte, poderosa, apaixonada, fervorosa, enfática, precisa.”²³ Ela deve ser a espinha dorsal da pregação profética – dizer a verdade com poder e desafiar o status quo – que nutre, alimenta e confere relevância e criatividade para equilibrar o modelo prevalecente de pregação.


Se a pregação continuar a recuar ou for relegada ao status de “atividades preliminares”, uma série de inovações questionáveis surgirá para ocupar seu lugar. Hoje é a música contemporânea, mas quem sabe o que o amanhã trará? No entanto, lutar por preferências na adoração não é a resposta ungida pelo Espírito Santo para resolver essas tensões.

A adoração contemporânea tem se tornado antropocêntrica, em vez de teocêntrica e cristocêntrica. Tradições e favoritismos não são diretrizes divinas para o conteúdo nem para a prática da adoração. Somos chamados para adorar o Senhor em espírito e verdade.

Não devemos minar a pregação a fim de substituir o evangelismo pelo entretenimento, sob o pretexto de tornar a adoração interessante e empolgante para atrair os não convertidos. O entretenimento é sedutor e atraente; no entanto, nas palavras de Robert Godfrey: “Devemos lembrar que entretenimento não é evangelismo.” As pessoas não são convertidas por um comediante no púlpito, um grupo dançante de louvor, nem pela euforia de uma banda fantástica, mas pelo evangelho de Jesus Cristo.

A adoração protestante tradicional sempre foi mais rígida em relação à reverência e pode parecer mecânica, formalista e sem emoção para alguns em nossa cultura, movida pela mídia e obcecada por ações. Outros podem enxergar a adoração contemporânea, com seu entusiasmo e alegria, muito focada na diversão e euforia à custa da reverência.

Conclusão

Recomendo aos defensores de ambas as abordagens avaliar se o conteúdo de sua adoração tem mantido o equilíbrio bíblico em que a pregação é a lâmpada para os pés dos adoradores (Sl 119:105) e a música os tem direcionado às obras salvíficas de Deus – de redenção, reconciliação e restauração. E, desse modo, colocar um fim na “batalha” que eles têm travado, transformando as batidas de suas espadas, do que eles sabem ou não sabem, em arados (Is 2:4) para cultivar uma nova era de pregação e adoração cristã. Então, o mundo saberá que Jesus é o Senhor, por causa do nosso amor uns pelos outros (Jo 13:35). 

Referências

¹ Textos bíblicos são da *Nova Versão Internacional*.

² R. Laird Harris, ed., *Theological Wordbook of the Old Testament* (Chicago, IL: Moody Press, 1980), v. 2, p. 810.

³ W. E. Vine, *An Expository Dictionary of New Testament Words* (Westwood, NJ: Fleming H. Revell Company, 1966).

⁴ Samuel Macauley Jackson, ed., *The New Schaff-Herzog Religious Encyclopedia of Religious Knowledge* (Nova York: Funk and Wagnalls, 1911), v. 9, p. 159.

⁵ *The New Schaff-Herzog Religious Encyclopedia*, v. 9, p. 159.

⁶ *The New Schaff-Herzog Religious Encyclopedia*, v. 9, p. 159.

⁷ *The New Schaff-Herzog Religious Encyclopedia*, v. 9, p. 160.

⁸ *The New Schaff-Herzog Religious Encyclopedia*, v. 9, p. 161.

⁹ Michael J. Quicke, *Preaching as Worship: An integrative approach to formation in your church* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2011), p. 32.

¹⁰ Albert Mohler, “Expository Preaching – The Antidote to Anemic Worship”, <www.albertmohler.com/2013/08/19/expository-preaching-the-antidote-to-anemic-worship/>.

¹¹ T. David Gordon, “The Imminent Decline of Contemporary Worship Music: Eight Reasons”, <secondnaturejournal.com/the-imminent-decline-of-contemporary-worship-music-eight-reasons>.

¹² Malcolm Gladwell, *The Tipping Point: How little things can make a big difference* (Nova York: Little, Brown and Company, 2000).

¹³ Quicke, *Preaching as Worship*, p. 30.

¹⁴ Professor de Música e Adoração no Seminário Teológico Adventista.

¹⁵ David Williams.

¹⁶ Archibald Thomas Robertson, *Word Pictures in the New Testament* (Nashville, TN: Broadman Press, 1960), v. 5, p. 66.

¹⁷ Vine, *An Expository Dictionary*, p. 235.

¹⁸ Quicke, *Preaching as Worship*, p. 28.

¹⁹ Quicke, *Preaching as Worship*, p. 28.

²⁰ Quicke, *Preaching as Worship*, p. 39.

²¹ Quicke, *Preaching as Worship*, p. 40-59.

²² “Focus on ‘Worship Wars’ Hides the Real Issues Regarding Connection to God”, <www.barna.org/component/content/article/5-barna-update/45-barna-update-sp-657/85-focus-on-qworship-warsq-hides-the-real-issues-regarding-connection-to-god>.

²³ Susan Scott, *Fierce Conversations: Achieving success at work and in life, one conversation at a time* (Nova York: Berkley Books, 1999), p. 7.

HYVETH WILLIAMS

professora de Homilética no Seminário de Teologia da Universidade Andrews, Estados Unidos

